

EVIDÊNCIAS DO QUOTIDIANO NO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS, LISBOA

OS CONTEXTOS DO POÇO SE DO CLAUSTRO NE

ANDRÉ BARGÃO Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH/UNL-UAc, andre bargao@gmail.com

SARA FERREIRA Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH/UNL-UAc, sara.isabel91@hotmail.com

RESUMO As intervenções arqueológicas concretizadas entre 1999-2001 na Praça da Figueira, Lisboa, permitiram o reconhecimento de contextos referentes ao Hospital Real de Todos-os-Santos (HRTS), nomeadamente o claustro NE, bem como uma estrutura hidráulica inserida no respetivo perímetro.

A identificação do espólio cerâmico e vítreo aqui exumado permitiu, numa primeira abordagem, a aferição cronológica e tipológica e, conseqüentemente, de perfis funcionais (utilitário, de cozinha e medicinal). Numa segunda fase, pretende-se obter uma leitura concreta no que concerne ao período de utilização desta estrutura e das áreas envolventes a vigorar no claustro NE.

PALAVRAS CHAVE Séculos XVI-XVIII, medicina, cerâmica, vidro, estrutura hidráulica

ABSTRACT The archaeological works carried out in Praça da Figueira (Lisbon) between 1999 and 2001 allowed the recognition of diverse contexts of the Hospital Real de Todos-os-Santos, in particular the NE cloister and a hydraulic structure in its internal perimeter. In a first phase, the identification of ceramic and glass artefacts allowed their chronological and typological assessment and therefore their functional profiles (utilitarian, cooking and medicinal). In a second phase, we intend to obtain a real interpretation about the period of use of this structure, considering the different areas in the cloister.

KEYWORDS 16th-18th centuries, medicine, ceramic, glass, hydraulic structure

INTRODUÇÃO

Abrindo portas à assistência e aos doentes em 1502, dez anos após o início da sua construção, o Hospital Real de Todos-os-Santos (HRTS) assumiu um papel determinante na cidade de Lisboa durante o seu período de funcionamento até 1773/1775 (Moita, 1993a, p. 47): projetado nos modernos ideais renascentistas, este edifício público, o primeiro de iniciativa régia, veio responder à urgente necessidade de combate à doença resultante das más condições sanitárias da capital (Silva e Guinote, 1998, p. 60) (figura 1).

Aliás, o prisma inovador do HRTS esteve igualmente patente no funcionamento interno e no legado arquitetural, dotando-o de inigualáveis contornos assistenciais, reflexo do panorama Sul europeu. O trabalho conceptual apoiou-se na materialização de planta em tipologia cruciforme, inserindo-se no eixo central da igreja à qual convergiam as enfermarias localizadas nos braços da cruz grega, permitindo a separação por diagnósticos e géneros e auxiliando a circulação no espaço (Pacheco, 2008, p. 47) (figura 2).

A desativação do complexo hospitalar no terceiro quartel do século XVIII permitiu a implementação de uma das principais praças de Lisboa, a Praça da Figueira. Os diversos usos desta praça, nomeadamente



1. Vista em perspectiva de Lisboa, George Braunio, *Civitates Orbis Terrarum*, 1597. Lisboa, Museu da Cidade (adaptado de Moita, 1993, p. 56).



2. *Planta Topographica, e exacta do sítio, que compreende a Ilha em que estava edificado o Hospital Real de Todos os Santos desta cidade, o convento de São Domingos e cazas assim do Ill.Mo e Exm.o Marquês de Cascaes, Guilherme J. Paes de Menezes e Tomás Roiz da Costa, 1750.* Disponível em Biblioteca Nacional Digital [http://purl.pt/22488. Data da consulta: 07/ 2015].

enquanto importante artéria do metropolitano, conduziram à identificação do remanescente do HRTS pela olisipógrafa Irisalva Moita em 1960-1961 (Moita, 1993b, p. 21). Posteriormente, entre 1999-2001, na sequência de um projeto de reabilitação e requalificação deste vasto espaço urbano, a intervenção arqueológica veio corroborar e acrescentar novos dados à evolução desta área (Silva, 2005, p. 15), sendo nesta última intervenção exumados os contextos do presente estudo.

O CLAUSTRO NE

Dos quatro claustros que o Hospital compreendia, a intervenção arqueológica de 1999-2001 detetou três (um dos quais pilar do presente estudo), sendo que o sobranter foi exumado, a par de dependências do edifício, por Irisalva Moita na década de 1960 (Moita, 1994, p. 118) (consultar figura 6).

Na observação do remanescente do pátio NE, foi-nos possível aferir algumas dimensões, nomeadamente os 18 m de largura por 14 m de comprimento, perfazendo 252 m². Os registos gráficos permitiram, igualmente, determinar parcialmente o espaço destinado à circulação, com valores na ordem dos 24 m de largura por 20 de comprimento (Bargão, 2015, p. 15).

DEAMBULATÓRIOS

Das áreas de circulação prevaleceram frações muito afetadas do lado Oeste, apresentando-se os lados Este e parte do Sul melhor conservados, sob a forma de “L” espelhado. Estes apresentam-se de forma regular, com comprimento variável entre 9 m e 9/9,5 m e largura entre 3/3,2 m conservados, compostos por calcário, pontualmente basalto, quartzito e cerâmica de construção reaproveitada, sugerindo eventuais reparações do piso com materiais disponíveis.

MUROS DE DELIMITAÇÃO

Estes espaços estariam originalmente demarcados da área aberta por um potente embasamento capeado em cantaria calcária, perfazendo os limites da zona de circulação com o pátio, separando os espaços através de um murete, chão sobre o qual assentavam saiméis ou bases que apoiavam as colunas da arcaria claustral. Aliás, na sequência Sul dos capeamentos, foi reconhecida a zona de implantação de uma destas bases que, sendo exemplar único, não permitiu aferir o intercolúnio.

Nesta área de vão reconheceram-se cantarias de soleira de porta: duas consideravelmente mais completas situadas na zona de confluência do deambulatório meridional com o oriental, apresentando-se apenas parcialmente uma a ocidente destas, e outra já no limite oriental. Todavia, é-nos possível sugerir, genericamente, que estas seriam compostas por três lajes, formando 1,45 m de extensão máxima e 0,55 m de largura, com distância



3. Registo gráfico e fotográfico de exemplares de prato e copo em cerâmica “pedrada”, identificadas no segundo momento arqueológico.

aferida para a (s) porta (s) de 1 m. É de destacar, num caso singular, a existência de duas cavidades para gonzo, opostas, denunciando aqui ter operado dupla portada, abrindo para o interior do compartimento.

Este conjunto de observações possibilita conjecturar uma provável modelação arquitetónica na implementação de portas térreas neste claustro, com portada dupla nos compartimentos de canto e portada simples nas restantes dependências. Consequentemente é de sugerir que, apesar da fisionomia similar que certamente apresentariam as paredes Sul e Este do claustro, com escassos elementos para este último, as zonas de circulação operariam de forma ligeiramente distinta com os compartimentos confinantes respetivos, o que se poderia esclarecer pelas funcionalidades específicas detidas por cada zona do complexo hospitalar.

ESPAÇO COMPARTIMENTADO

A leitura espacial da fração Sul do claustro é atestada pelo jogo arquitetónico formado pelos três acessos supracitados que, individualmente, dariam acesso aos espaços internos do edifício, e por dois alicerces de estruturas verticais. Intercalados com as soleiras, estes elementos murários, de comprimento e largura variáveis, cerca de 0,50/0,60 m e 1,80 m respetivamente, permitiram aferir a existência de três compartimentos pavimentados com tijoleira de padrão em “espinha” assente em argamassa. Contudo, as dimensões dos compartimentos são de difícil aferição atendendo às consideráveis perturbações do espaço intervencionado.

Um outro aspeto a destacar recai na evidente violação dos compartimentos, e da parte Sul da área de circulação, por duas estruturas que se lhes sobrepõem. Aqui interpretamos como sendo os alicerces de dois espessos muros, com 1,3/1,5 m de largura por 7,6 m máximos conservados, possivelmente ali erguidos no fim do período de utilização do HRTS ou até já após a sua desativação. A técnica construtiva destes, com blocos de dimensões variáveis e sem encadeamento é partilhada por um terceiro embasamento, orientado a NE-SO, de menores dimensões e sem aparente relação com os já mencionados.

POÇO SE

Do que foi possível avaliar dos trabalhos arqueológicos (1960, 1999-2001), pelo menos três dos quatro claustros do HRTS estariam dotados de pontos de abastecimento de água. Por norma, estes espaços teriam no pátio apenas uma única estrutura hidráulica, sendo a exceção o claustro NE que tinha duas nos ângulos NO e SE.

Respeitante ao SE, reconheceu-se uma estrutura quadrilátera com 0,9 m por 1,11 m, paramentada a lajes calcárias, homogêneas e argamassadas, com 3,73 m de profundidade atendendo à cota de circulação do pátio e deambulatório. A presença de uma laje desarticulada sugere a presença de um parapeito elevado, com duas fiadas de elementos pétreos idênticas às registadas em toda a estrutura. A ser verdade, o poço atingiria cerca 4,73 m de profundidade e, atendendo à fração argamassada envolvente e à ausência de alcatruzes no registo,

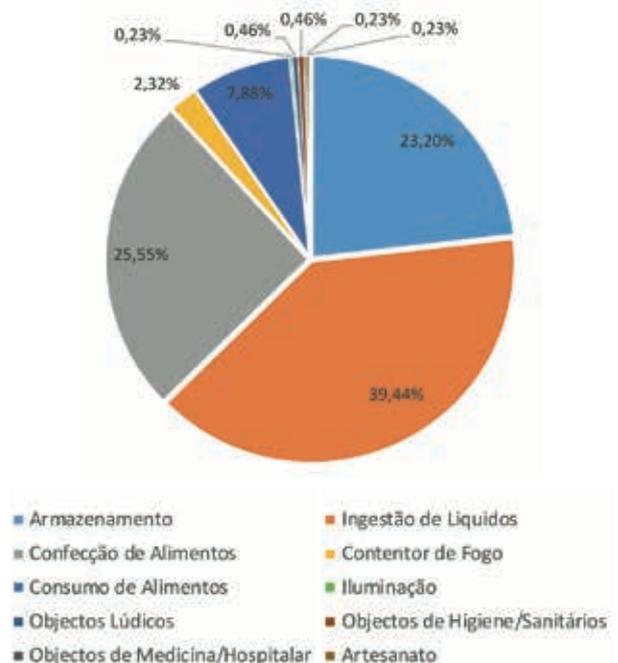
sugerimos a existência de uma armação metálica com roldana, facilitando o acesso à água e excluindo o uso de nora.

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS CERÂMICOS E VÍTREOS

SEGUNDO MOMENTO

Refletindo sobre a estrutura hidráulica e os materiais arqueológicos que a preenchiam, abordamos este estudo faseado em quatro momentos, sendo que ao primeiro corresponde a construção da mesma (figura 4) (consultar figura 7).

É interessante registar que no segundo momento, do total de 432 Numero Mínimo de Indivíduos (NMI) (Orton, 1980), 170 (39,44%) são destinados à ingestão individual de líquidos, valor impulsionado pelas formas de púcaro e caneca em cerâmica fina vermelha (macroscopicamente sugerindo produções do vale do Tejo e Lisboa), comumente presentes em contextos de quintentos em Lisboa (Marques *et al.*, 2012, p. 128). Por outro lado não só de produções de pasta vermelha o conjunto é constituído: neste âmbito funcional, merecem destaque escassos exemplares de pequenos púcaros de produção exógena, demarcados pela sua pasta de coloração acastanhada e pela elevada presença de fragmentos pétreos (quartzos) de pequena e média dimensão, sugerindo as olarias regionais alentejanas. Esta morfologia retém particularidades que logram em ser mencionadas: considerável maioria destes objetos encontrava-se completa aquando da sua exumação, insinuando intensa utilização do poço para consumo de água e a tendência de risco de caírem acidentalmente no interior da estrutura. É igualmente peculiar



4. Frequência percentual (atendendo ao cálculo do Número Mínimo de Indivíduos) dos diferentes grupos funcionais identificados no segundo momento arqueológico.

registrar que 4 a 6 indivíduos encontraram a sua função anulada mediante uma perfuração no corpo globular, revelando, por hipótese, a preocupação em inutilizar as peças expostas a determinados contágios/doenças, entretanto perdidos. Todavia, esta sugestão perde força quando se considera esta prática associada ao sequente descarte para o interior do poço que abasteceria a população hospitalar, como se comprova arqueologicamente, afigurando-se conseqüentemente pouco plausível.

Ainda no âmbito do consumo individual de líquidos, e usualmente identificados em contextos de Época Moderna em Lisboa, destacamos o copo/cálice em cerâmica fina vermelha, profusamente decorado com cartelas e motivos incisivos serpenteantes, de possível inspiração marítima, com elementos pétreos incrustados, o qual inserimos na categoria de cerâmica “pedrada” (Sardinha, 1990/1992, p. 502) (figura 3). Estas peças encontram a sua origem produtora envolta em distintas interrogações, porém, certo é que não conhecemos paralelos arqueológicos em contextos anteriores ao segundo quartel do século XVI (Silva *et al.*, 2012, p. 71) publicados até à presente data.

Dominantemente de produção portuguesa desde o fim do século XV (Sardinha, 1999, p. 191), a cerâmica “modelada” foi reconhecida pela sua fineza, pureza da pasta vermelha e frágil manuseio, identificada neste momento sob a forma de taça. Esta tipologia detém motivos ornamentais variados, desde caneluras horizontais intercaladas por ônfalos a depressões ovóides alongadas, encontrando exemplares similares em contextos arqueológicos do século XVI/XVII em Alfama (Silva *et al.*, 2012, p. 71).

Este caminho cronológico é potenciado pela presença de produções germânicas, *stoneware*, ainda que de atribuição morfológica dificultada atendendo à reduzida dimensão dos fragmentos. Todavia, foi-nos possível sugerir a forma de garrafa considerando a tendência globular das porções de parede. Este exercício foi auxiliado pela análise da ornamentação em relevo, nomeadamente “Ramagem de Vinha” e “Folha de Palma”. Este último elemento permitiu-nos, com considerável rigor, registrar paralelos idênticos num contexto habitacional de ocupação portuguesa em Alcácer Ceguer, Marrocos, circunscrita entre 1458-1550 (Redman e Boone, 1979, p. 70).

Desafortunadamente, o espólio vítreo revelou-se parco em exemplares com vista o consumo de líquidos, registando-se somente as porções do “nó”/“botão” que antecede a copa de cálices translúcidos de inspiração veneziana. À semelhança dos indivíduos anteriormente mencionados, reconhecemos paralelos em momento datado do fim de quinhentos em Alfama, onde se sugere a origem italiana dos exemplares do contexto em cima referido (Silva *et al.*, 2012, p. 79).

A segunda maior grandeza funcional recaiu na confeção de alimentos, sendo identificados 110 NMI (25,55%). Esta categoria é composta pelas formas de tacho e panela exclusivamente em cerâmica comum fosca vermelha, bem como a caçoila e bacia presentes, também, em cerâmica comum revestida a espesso vidro. Também aqui achamos pertinente referir a in-

tensa utilização destes objetos, atendendo às marcas de fogo no exterior destes. Porém, integramos neste conjunto a bacia, presente em ambas as categorias cerâmicas supracitadas, enquanto peça auxiliar no processo de confeção alimentar.

No que concerne aos contentores de armazenamento de líquidos identificamos 100 NMI (23,3%), onde se destacam o cântaro e a bilha em cerâmica comum fosca vermelha.

Em menor quantidade surgem pequenos potes, elaboradamente decorados em cerâmica “pedrada”, em cerâmica “modelada” e em cerâmica fina vermelha.

Ademais, e em estreita relação com os referidos objetos, as formas de tampa de tendência campaniforme e testo estão abrangidas neste grupo funcional expressos essencialmente em cerâmica fina vermelha. É de referir que estas peças de refinado tratamento encontraram paralelos em horizontes quinhentistas de Lisboa, a que é exemplo, uma vez mais, a Rua do Benfornoso, Mouraria (Marques *et al.*, 2012, p. 128).

Notando a elevada fragmentação do espólio deste momento, a aferição morfológica detém algumas lacunas: no acervo vítreo foi possível reconhecer a forma de frasco, translucido, representado somente por uma porção de bordo.

Numérica e percentualmente contrastando, com 56 NMI (7,88%), os vasos com vista o consumo de alimentos predominam em categorias cerâmicas variadas. No que concerne à cerâmica comum fosca vermelha, registamos pratos e tigelas, com acabamento interior em brunido. Paralelamente, assinalamos morfologias idênticas em cerâmica comum vidrada, com revestimentos em castanho/melado e verde. Estas duas formas foram igualmente identificadas em cerâmica esmaltada branca, por vezes exibindo decoração em linhas concêntricas em azul na superfície interna. Assumimos estas produções como originais de Sevilha (Deagan, 1987, p. 58) considerando a pasta compacta amarelada e com poucos desengordurantes, indo ao encontro de exemplares idênticos exumados na Casa dos Corte-Real, Lisboa, contexto datado de entre os séculos XV e XVI (Sabrosa, 2008, p. 111).

A produção cerâmica “pedrada”, além do cálice e copo já mencionados, englobou também a forma de prato, de perfil baixo e raso. Macroscopicamente mantendo composição de pasta idêntica, neste exemplar os motivos decorativos são diversos, nomeadamente apliques globulares. Os paralelos remetem-nos, uma vez mais, para a zona ribeirinha oriental de Lisboa (Silva *et al.*, 2012, p. 71). Considerando este ambiente quinhentista, a presença de porcelanas é espelhada através de tigelas e pratos. No que concerne às primeiras, os indivíduos exumados inserem-se nas produções do reinado de Wanli (1563-1620), com semelhanças novamente entre os materiais exumados no Largo do Chafariz de Dentro, Alfama (Silva *et al.*, 2012, p. 76). Contudo, a análise dos pratos, de cronologias próximas, permitiu-nos identificar ornatos compostos pelo carácter chinês de “Jade” (Burton e Hobson, 1919, p. 142), remetendo-nos para um momento de produção no reinado de Zhenge (1506-1520), semelhante ao exemplar exumado no Aljube, Lisboa (Henriques, 2012, p. 921).

A heterogeneidade do conjunto ceramológico reúne funcionalidades variadas, complementando a leitura arqueológica. Assim, crescem os contentores de fogo representados por fogareiros em cerâmica comum fosca vermelha, com 10 NMI (2,23%). Peculiar, ou não tanto, reconhecemos dois indivíduos morfológica-mente idênticos às peças supracitas, mas de reduzi-das dimensões, denominando-os por “queimadores”. Estes, com marcas de fogo, sugerem a combustão de substâncias aromáticas e/ou medicinais, atendendo ao pequeno porte das peças. Ademais, a fineza da pasta de barro vermelho fosco, bem como a decoração com linhas verticais de aguada branca, permitiu-nos encontrar paralelo na intervenção do Terreiro do Paço (Nevés e Bargão, 2015, p. 136).

Com valores residuais, os 2 NMI (0,5%) de bispote resi-dem apenas no grupo de cerâmica comum vidrada, de tonalidades entre o verde e/ou amarelo.

É igualmente particular o urinol em vidro translúcido, utilizado em processos de uroscopias (Sousa, 2013, p. 44) que, apesar da reduzida porção de bordo em aba pendente, reconhecemos paralelos em ambientes do século XVI no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coim-bra (Leal e Ferreira, 2007, p. 92).

Diferenciando-se dos grupos cerâmicos mencionados, e apesar de morfologia indeterminada, consideramos por demais importante destacar a presença de um fragmento de parede de pasta e superfícies cinzentas, com abundantes elementos micáceos. Perante este contraste apontamos a região do Norte do país, eventual-mente Prado, como origem com auge produtor entre os séculos XVII-XVIII, com inspiração nos traba-lhos de ourivesaria (Fernandes, 2012, p. 897, 907).

QUARTO MOMENTO

Este quarto horizonte foi interpretado enquanto mo-mento de abandono e desativação da estrutura hi-dráulica, sendo composto por uma vasta panóplia de produções e de funcionalidades, sendo reconhecidos 516 NMI (figura 5) (consultar figura 6).

Atendendo à função primária dos objetos, 251 NMI (48,91%) destinam-se ao armazenamento de líquidos compostos, maioritariamente, em cerâmica comum fosca vermelha, onde encontramos cântaros, talhas e potes. Paralelamente, incluímos aqui os testos em ce-râmica fina vermelha.

Registada exclusivamente neste contexto, a faiança portuguesa assume especial preponderância. Nes-te, particular destaque para uma tampa de tendência campaniforme, revestida a esmalte estanífero branco e com motivos fitomórficos a azul e “contas” contor-nadas a manganês/vinhoso a adornar. Peças com este teor decorativo são uma constante realidade nos con-textos arqueológicos da primeira metade do século XVIII em Lisboa, nomeadamente no Beco das Barre-las, Alfama (Oliveira, 2012, p. 93).

Com 139 NMI (26,7%), a segunda maior grandeza recai nas peças de ingestão individual de líquidos, com bas-tante expressão em cerâmica comum vermelha fosca. Aqui foram reconhecidas as formas de garrafa e púcaro

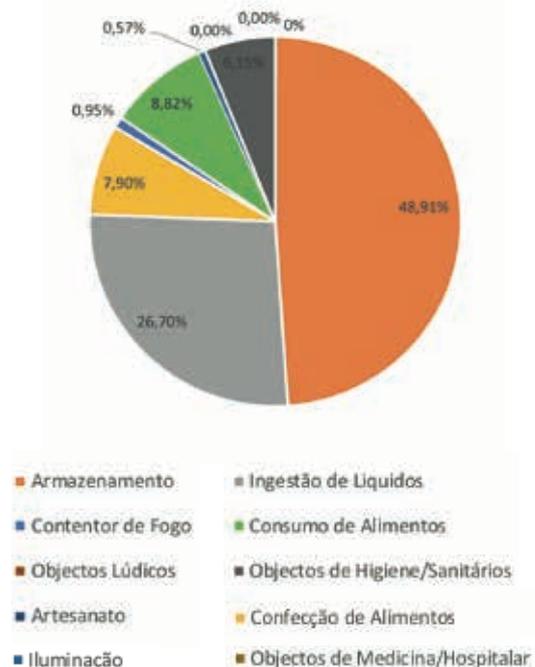
que, por vezes, apresentam-se com acabamento ex-terior a aguada vermelha. Todavia, revestidos a vidro plumbífero, peculiares exemplares de caneca e jarro que, de pasta esbranquiçada e compacta bem como o espesso vidrado, mantêm a sua origem indeterminada. De consumo alimentar à mesa, com 46 NMI (8,82%) identificamos os pratos em cerâmica comum vidrada. Todavia, este valor é composto pelos espécimes em faiança portuguesa com inúmeros indivíduos de tigelas e pratos, bem como gramáticas decorativas diversas: motivos geométricos e fitomórficos simples, tal como o esboço de “espiga”, com paralelos reconhecidos em contextos seiscentista no Largo Vitorino Damásio, Lis-boa (Santos, 2006, p. 394).

Neste âmbito, realce para um prato raso que, exibindo a “Cruz de Malta” em azul-cobalto na aba, nos reme-te para componentes iconográficas cristãs (Formigo, 2014, p. 70), presente nos registos arqueológicos pósde início do século XVII (Almeida, 2012, p. 47).

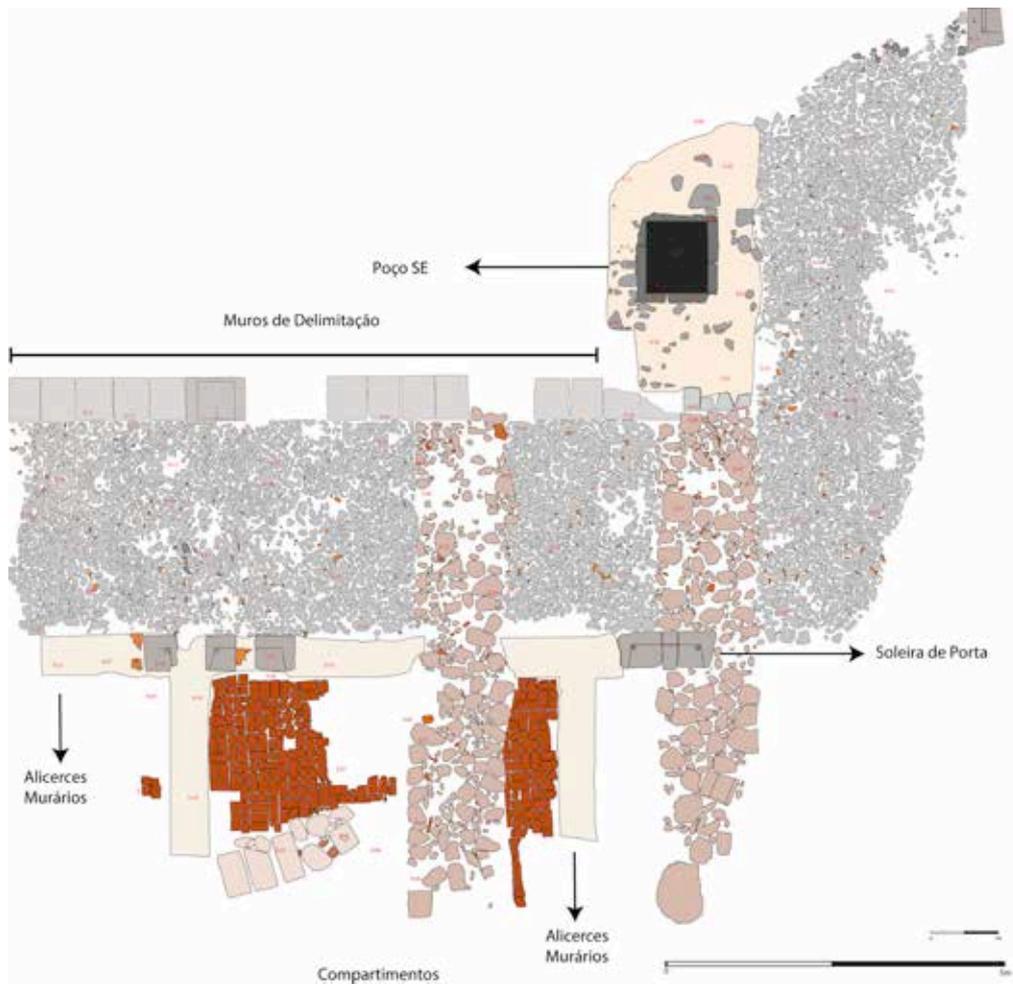
Respeitante ao motivo de “espigas” a azul-cobalto, identificamos paralelos decorativos e formais no Con-vento de S. Francisco, Lisboa, cronologicamente próxi-mos (Torres, 2011, p. 402) ou em ambientes da segun-da metade de seiscentos no Largo Vitorino Damásio, Lisboa (Gonzalez, 2012, p. 92).

Todavia, importa mencionar os exemplares de tigela decorados meramente com estilizações vegetalistas a manganês/vinhoso, assumidas aqui enquanto produ-ções da Real Fábrica do Juncal, pósde 1770.

Por sua vez, são 41 NMI (7,9%) os vasos destinados à confeção de alimentos, nomeadamente tachos e caçoí-las em cerâmica comum fosca vermelha, bem como pa-nelas e bacias revestidas a vidro plumbífero. Em pa-ralelo no que a valores diz respeito, registo para aqueles destinados à higiene e/ou uso sanitário, representados



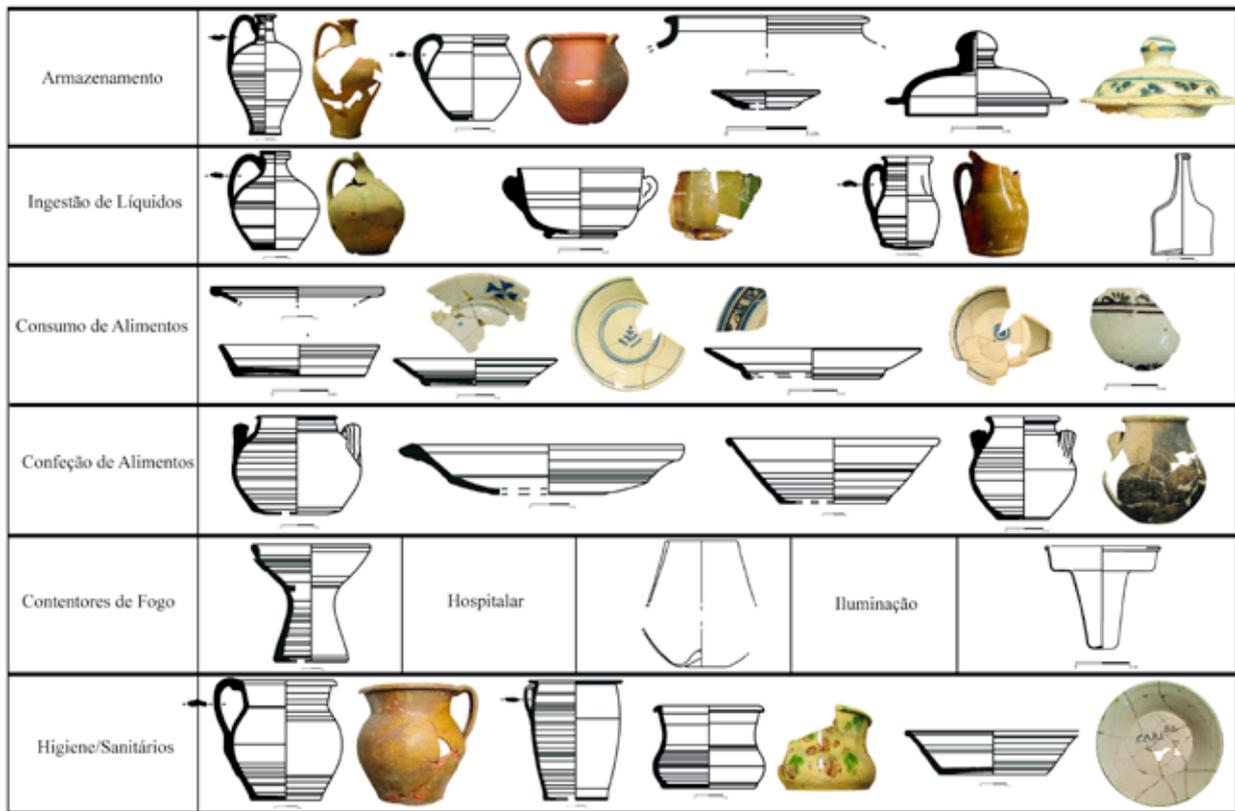
5. Frequência percentual (atendendo ao cálculo do Número Mínimo de Indivíduos) dos diferentes grupos funcionais identificados no quarto momento arqueológico.



6. Registo gráfico em planta do ângulo SE do Claustro NE.

Ingestão de Líquidos	
Confeção de Alimentos	
Armazenamento	
Consumo de Alimentos	
Contentores de Fogo	
Higiene/Sanitários	
Hospitalar	

7. Esquematização dos objetos cerâmicos e vítreos que integram os distintos grupos funcionais do segundo momento arqueológico.



8. Esquematisação dos objetos cerâmicos e vítreos que integram os distintos grupos funcionais do quarto momento arqueológico.

por bispote em cerâmica comum vidrada, e bacia, com especial atenção para o exemplar em faiança portuguesa decorada com o letiforne "Cari^{der}" (Caridade) em manganês/vinoso, na superfície interna do fundo.

Com valores residuais, 5 NMI (0,95%), os contentores de fogo estão expressos no registo exclusivamente através dos fogareiros de cerâmica comum fosca vermelha, apresentando vestígios de fogo nas superfícies. Por fim, identificámos novamente objetos vítreos: garrafas, com paralelo no naufrágio de Manilla, Bermudas, *posde* 1750 (Karklins, 1991, p. 40); e copo decorado por caneluras verticais, com reconhecidos exemplares em ambiente de produção da Real Manufatura de Vidros, Coina, de 1719 (Ferreira, 2004, p. 568).

Entre o espólio vítreo translúcido foram identificadas lamparinas de suspensão para efeitos de iluminação e ventosas (Silva, 2015, p. 472-476), para fins assistenciais e de rotinas médicas. O conhecimento em torno destes objetos projetou a sua utilização não somente em contextos hospitalares, registando-se paralelos na fragata Santo António de Taná, naufragada em Mombaça, em 1697 (Silva, 2014, p. 445).

INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Considerando que os pisos superiores do edifício, com abertura para os claustros, seriam as enfermarias, é de supor que o piso inferior estaria dedicado às cozinhas, boticas e demais espaços funcionais (Pacheco, 2008, p. 58). Estes espaços claustrais são mencionados com maior rigor em 1620, por Frei Nicolau de Oliveira e é com este que recai a primeira menção às estruturas hidráulicas

em funcionamento, referindo a existência de um poço central, exceto no que auxiliava a cozinha que detinha um no ângulo.

Confrontando os dados arqueológicos, estes não revelaram claustros com dois poços, exceto o NE. Contudo, e permitindo corroborar os dados, Oliveira menciona igualmente que, em 1620, os pátios não estariam dotados do ajardinamento primitivo, mas revestidos a lajeados (Oliveira, 1987, p. 60), sendo o claustro em estudo o único a revelar este tipo de piso.

Desta forma, podemos sugerir que a construção do poço tenha sido efetivada aquando do processo de revestimento de lajeado, um momento de grandes intervenções promovidas por D. João III, entre 1521 e 1557. Não é de menosprezar esta sugestão atendendo que foi com O Piedoso que o HRTS, de cinco, se viu dotado de nove enfermarias (Oliveira, 1987, p. 60).

Refletindo o espólio arqueológico do segundo momento, formado por descartes e acumulações da utilização do poço, é evidente o predomínio dos objetos de consumo individual de líquidos, seguindo-se aqueles para confeção e armazenamento. Estas funcionalidades são de enfatizar porquanto na documentação coeva do HRTS é referida a função de apoio a cozinhas e dispensas no piso térreo, contrastando com os vasos destinados à higiene e fins sanitários e peças de teor claramente hospitalar, como o urinol.

Acrescente-se que a elevada fragmentação e a ausência de peças além seiscentos sugere constante limpeza do poço, atestando a sua utilização.

Apesar do quarto momento ser composto por quatro unidades estratigráficas deposicionais com maior per-

centagem de vasos de armazenamento, importa atentar cada unidade individualmente.

No que concerne à U.E. [1167], as peças destinadas ao consumo de líquidos destacam-se, contrastando com a ausência de contentores de fogo e objetos de consumo alimentar. Ainda que com escassos indivíduos, é nesta unidade que se concentra a totalidade de peças vítreas do quarto momento, nomeadamente hospitalares e de iluminação. Nesta tendência, a [1115] partilha a presença de recipientes destinados à ingestão de líquidos mas com elevado registo de cerâmicas de confeção e consumo alimentar. Para o perfil funcional da [1113/1115] obtemos novamente o predomínio de objetos de armazenamento, bem como dos de uso individual.

Partilhando as maiores grandezas, a [1113] regista evidente expressão de peças de confeção em paralelo com os vasos de higiene/sanitários, não havendo registo de pratos e tigelas. Aliás, aqui revelam-se produções espelhadas através de fragmentos impossibilitados de aferição morfológica, como *creamware*. Acresce ainda a este conjunto a considerável presença de azulejos, sendo compreensível pois trata-se da última unidade estratigráfica associada ao poço, datada do período de abandono e desmantelamento do Hospital, pelo que a cerâmica de construção está aqui presente e não nas unidades mais abaixo.

Certo é que o preenchimento da superfície do poço ocorre já na década de 1770, atendendo à presença de *creamware*, de produção posterior a 1760 (Dabal, 2013, p. 331) e, em especial, de faiança do Juncal, pós 1770, sendo mais que provável o enchimento do poço aquando do abandono e desativação do HRTS, entre 1773/1775.

Deverá a este propósito atentar o terceiro momento, uma potente U.E., sem materiais associados, que anula a função do poço, e à sua composição similar à das unidades estratigráficas registadas nas fundações do edifício. Este aspeto pode significar que a anulação da estrutura poderá ter-se dado já com o edifício desati-

vado e em avançado processo de desmantelamento. O perfil funcional do quarto momento pode estar relacionado com os compartimentos registados em planta, podendo sugerir que o acervo poderá ter tido origem nestes espaços ou em suas imediações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente ao poço SE do claustro NE, não nos foi possível datar com precisão o momento da sua implementação. Contudo, considerando a cantaria homogénea e a ausência de marcas de canteiro (presentes nos elementos arquiteturais originais do HRTS), pode-se concluir que a sua construção não integrou a fase primitiva do edifício. Assim, através dos materiais arqueológicos, sugerimos que a sua edificação remonta ao segundo quartel de quinhentos, possivelmente no reinado de D. João III, indo, igualmente, de encontro aos dados proporcionados pela documentação escrita e pelo espólio arqueológico.

Composto exclusivamente por materiais em uso no século XVIII, o quarto momento espelhou a atenuação das categorias cerâmicas e respetivas morfologias das centúrias anteriores, assumindo-se quase exclusivamente em cerâmica comum vidrada, faiança portuguesa e vidro, com objetos de requinte, como garrafa, copo e lamparina de suspensão, bem como ventosas. Respeitante à faiança portuguesa, destaque para o prato com a “Cruz de Malta” e a bacia com “CARI^{de}”. Estes detalhes detêm significado histórico se os colocarmos em paralelo com o Real Hospital Militar de São João de Deus, no Castelo de São Jorge, cuja administração é efectuada por D. João IV, aos Irmãos Hospitaleiros de São João de Deus, em 1641 (Borges, 2009, p. 55). Esta ideia sugere o objeto arqueológico enquanto canal de comunicação entre a Ordem de Malta e o Hospital Real de Todos-os-Santos, eventualmente intercâmbio de ideais e bens pessoais, como bacias e “lava-pés”.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. (2012) – *Convento de Jesus (Setúbal) Arqueologia e História: Faiança decorada*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).

BARGÃO, A. (2015) – *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do Claustro NE*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).

BURTON, W.; HOBSON, B. (1919) – *Handbook of Marks on Pottery & Porcelain*. Londres: MacMillan and Co., Limited.

BORGES, A. (2009) – *Reais Hospitais Militares em Portugal 1640-1834*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

DABAL, J. (2013) – British ceramics in Gdansk local market in 18th and 19th century. *Archaeologia Historica Polona*, 21, p. 321-350.

DEAGAN, K. (1987) – *Artifacts of Spanish colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800*. Washington: Smithsonian Institution Press.

FERNANDES, I. (2012) – Um gosto decorativo. Louça preta e vermelha polvilhada de branco (mica). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J., coords., *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Vol. 2. Lisboa: CHAM, p. 897-908 (Coleção ArqueoArte, 1).

FERREIRA, M. (2004) – Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7: 2, p. 541-583.

FORMIGO, F. (2014) – *Estudo decorativo, morfológico e tecnológico da faiança de Coimbra*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar (Dissertação de Mestrado).

GONZALEZ, C. (2012) – Os novos espaços da cidade moderna, uma aproximação à ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J., coords., *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Vol. 1. Lisboa: CHAM, p. 85-94 (Coleção ArqueoArte, 1).

- HENRIQUES, J. (2012) – Do Oriente para o Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de Época Moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J., coords., *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Vol. 2. Lisboa: CHAM, p. 919-932 (Coleção ArqueoArte, 1).
- KARKLINS, K. (1991) – Beads from the mid-18th-century Manila Wreck, Bermuda. *The International Journal of Nautical Archaeology*, 20:1, p. 33-42.
- LEAL, C.; FERREIRA, M. A. (2007) – Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. *Portugalia*, Nova Série: 27/28, p. 89-118.
- MARQUES, A.; LEITÃO, E.; BOTELHO, P. (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente). Entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J., coords., *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Vol. 1. Lisboa: CHAM, p. 123-134 (Coleção ArqueoArte, 1).
- MOITA, I. (1993a) – O Hospital Real de Todos-os-Santos: enfermarias, aposentadorias, serviços. In *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, p. 40-48.
- MOITA, I. (1993b) – As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos. In *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, p. 20-22.
- MOITA, I. (1994) – O Hospital Real de Todos-os-Santos. In D'INTINO, R., coord., *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 118-125.
- NEVES, C.; BARGÃO, A. (2015) – Queimador, Terreiro do Paço/Praça do Comércio. In TEIXEIRA, A., PAREDES, F., SILVA, R., coords., *Lisboa 1415 Ceuta, História de duas Cidades*. Ceuta: Papel de Aguas, p. 136.
- OLIVEIRA, C. R. (1987) – Elementos para a História do Município de Lisboa. Lisboa: Typographia Universal.
- OLIVEIRA, F. (2012) – Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barreiras, Alfama, Lisboa. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).
- ORTON, C. (1980) – *Mathematics in Archaeology*. Londres: Collins.
- PACHECO, A. (2008) – *De Todos-os-Santos a São José, textos e contextos do «espiritual grande de Lisboa»*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).
- REDMAN, C.; BOONE, J. (1979) – Qsar es-Seghir (Alcácer Ceguer) a 15th and 16th century Portuguese colony in North Africa. *Studia*, 41-42, p. 5-74.
- SABROSA, A. (2008) – As faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In DIOGO, J., coord., *Actas das 4.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 109-142.
- SANTOS, M. (2006) – O Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa), contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2, p. 369-399.
- SARDINHA, O. (1990/1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8: 10, p. 487-512.
- SARDINHA, O. (1999) – Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600). *Arqueologia Medieval*, 6. Porto: Edições Afrontamento, p. 183-192.
- SILVA, R.; GUINOTE, P. (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimientos – Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- SILVA, R. (2005) – *As 'marcas de oleiro' em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Tese de Mestrado).
- SILVA, R.; MIRANDA, P.; VIEIRA, V.; VICENTE, A.; LOPES, G.; NOZES, C. (2012) – Largo do Chafariz de Dentro, Alfama em Época Moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J., coords., *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Vol. 1. Lisboa: CHAM, p. 71-84 (Coleção ArqueoArte, 1).
- SILVA, J. (2015) – Vidros a bordo da Santo António de Taná: cargas e quotidianos numa fragata do século XVII. In SAEZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO, C.; GONZÁLEZ, L.; HERNÁNDEZ, B.; HERNANDO, C., coords., *Revista Arkeogazte – Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad. Actas das VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte, p. 472-476.
- SOUSA, G. (2013) – *História da Medicina Portuguesa durante a Expansão*. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores.
- TORRES, J. (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).